

A exuberante capela-mor, que se abre em arco triunfal pleno de cantaria pintada a escaiola, apresenta camarim fundo e pares de colunas torsas, articulando-se com a também talha, branca e dourada, que decora as paredes laterais. Aqui podemos observar algumas telas de Nicolau Ferreira e seus discípulos, como as tentações de Santo Antão, as virtudes teológicas ou os triunfos da eucaristia. Uma interessante tela da Imaculada Conceição com os doadores (1646), da autoria do pintor Martim Conrado, proveniente da Capela da Salvação, no Caniço, encontra-se hoje na parede da Capela-mor, do lado da epístola. A sacristia alberga uma tábua de Santo Antão, do século XVI, que, provavelmente, veio da anterior capela arruinada.



Imaculada Conceição de Martim Conrado

A inusitada alta torre sineira é já do séc. XIX, que sofreu uma ampliação com a introdução de um coruchêu em betão, no século seguinte, para albergar os sinos.



Pormenor do adro da Igreja

É de destacar o adro primorosamente calcetado no empedrado tradicional madeirense, em calhau rolado do mar, que é composto por um tapete com desenhos geométricos e vegetais, em pedra de calcário branco proveniente da ilha do Porto Santo.

7 SOLAR DOS REIS MAGOS

Promenade dos Reis Magos

O Solar dos Reis Magos é uma ruína de um imóvel do séc. XVIII, construído em aparelho de pedra basáltica, de vários volumes escalonados e telhados múltiplos, apresentando uma característica torre avista-navios do lado nascente à face da fachada principal. Esta torre apresenta uma interessante e bem executada porta-janela articulada, em cantaria regional, com ombreiras relevadas, volutas e largos entablamentos com cornijas pronunciadas e ornatos. No tardoz do imóvel ainda é possível observar os vários fornos da cozinha em cantaria vermelha do Caniçal.



Perspectiva poente do conjunto



Fachada Sul

Este imóvel, de linguagem proto-barroca ou de maneirismo tardio, pertenceu à família Agrela. Edifício de vocabulário erudito articula-se com um pequeno fortim de defesa da costa contra piratas e corsários, situado mesmo em frente da casa.

Construído no séc. XVIII apresenta planta quadrangular, composta por uma casa da guarda a norte, com uma janela e esplanada com três canhoesiras, de frente para o mar. Nos anos 80 do séc. XX foi acrescentado uma laje de betão para adaptação do forte a residência de Verão, mas que ficou por concluir devido ao embargo. O Solar dos Reis Magos é propriedade privada.

8 FORTE DO PORTO NOVO

Porto Novo

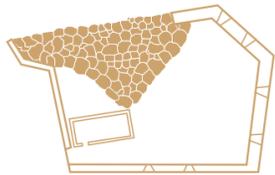
O Forte do Porto Novo foi mandado construir, em 1828, pelo Tenente Paulo Dias de Almeida para defesa da costa, apresenta planta poligonal irregular, com isolada casa da guarda rectangular de duas divisões e restos do paiol a norte. Podemos observar vestígios do antigo lajeado da esplanada.



Perspectiva do Forte, sítio do Porto Novo, fotografia de 1970

O Forte possui robustas muralhas de alvenaria de pedra basáltica aparelhada rebocadas, virada a Sul e ao mar com 2 canhoesiras de alvenaria de cantaria aparente, como as restantes; muralha virada a Oeste com 2 canhoesiras; virada a Este e sobre a ribeira, em cotovelo, muito danificada, com 2 canhoesiras no 1º troço. Parede virada a Norte, mais alta, com porta rectangular com moldura de cantaria rija regional.

Como curiosidade, durante a Guerra Civil este forte foi atingido pelas tropas absolutistas tendo um tiro de bordo atingido o paiol do Forte, morrendo parte dos defensores e ficando ferido o tenente coronel João Shwalback, comandante das forças liberais.



Este imóvel foi vendido pelo Estado e actualmente encontra-se nas mãos de particulares.

Planta do Forte

9 RELÓGIO DE ÁGUA

Levada da Azenha, Vargem

No Caniço ainda persistem dois Relógios de Água, que são testemunho da importância primordial da água, numa altura em que a freguesia era essencialmente agrícola. O primeiro situa-se junto ao Moinho da Azenha, no tardoz da Farmácia do Caniço, que fazia a divisão e controle do tempo da água, distribuída para o respectivo moinho e terrenos agrícolas.

Trata-se de uma construção paralelepípedica em pedra basáltica aparelha e rebocada. Possui uma pequena porta de acesso com molduras em cantaria e óculos redondos na mesma cantaria para o mostrador do relógio, já desaparecido.



Relógio de Água

O pequeno imóvel é coberto por um telhado de quatro águas em telha de meia cana.



Muralla do cubo

Simultaneamente o Moinho, que deve datar de meados do séc. XIX, foi recuperado por privados. O imóvel possui vãos com molduras em cantaria rija regional assim como, são do mesmo material, as grandes lajes do piso térreo. Aqui podemos encontrar duas mós em cantaria cinzenta, uma de moenda rala e outra de moenda fina.

De destacar o imponente cubo que assenta sobre uma larga e extensa muralha em pedra aparelhada, à vista, que vai encabeçar na levada junto à casa do Relógio de Água. No interior do moinho ficou visível esta elaborada construção constituída por grandes pedras basálticas.



Pormenor do mecanismo do moinho

O outro Relógio de Água situa-se na Levada do Castelo, no Sítio dos Moinhos, abaixo do Restaurante o Moinho, na vereda de acesso à Capela da Salvação.

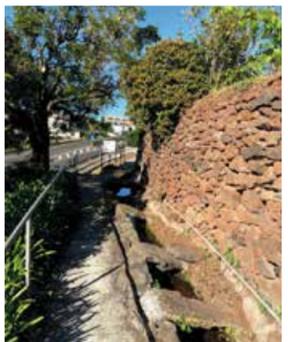
O pequeno imóvel é de construção paralelepípedica em pedra aparelhada e rebocada com portas de acesso de molduras de cimento em resalto. Possui uma escada de acesso ao relógio em pedra basáltica. A abertura para o mostrador do relógio, entretanto já desaparecido, é de forma quadrangular e é protegido por uma cobertura em zinco. Possui também um candeeiro para iluminação exterior possibilitando o visionamento do mostrador à noite. A construção é coberta por um telhado de quatro águas, em telha de canudo, que substituiu uma cobertura anterior em telha de meia cana.

Este relógio deixou de funcionar em 1992.

10 LEVADA DA AZENHA

Estrada do Aeroporto, Azenha

A Levada da Azenha, onde poderá desfrutar das vistas sobre o centro urbano em pleno ambiente rural, possui ainda alguns lavadouros de roupa, que poderão parecer simples lajeados de pedra de basalto dispostos sobre o curso de água da levada, mas que continuam a ser utilizados nos dias de hoje. Continuando pela levada, e sempre observando os pequenos socalcos cultivados, irá encontrar, junto ao Ribeiro do Caniço, as ruínas do Moinho da Vitória e, mais adiante, uma ponte de madeira sobre a Ribeira do Caniço que o levará até à Vereda do Caminho Velho do Castelo que desce, outra vez, para o centro do Caniço.



Lavadouros



Panorâmica do percurso

Este Relógio de Água conjuntamente com a levada, o moinho e o caminho calcetado, no tradicional empedrado em pedra escantilhada, constitui um núcleo patrimonial de grande interessante.

Recentemente este imóvel foi reabilitado pela Câmara Municipal de Santa Cruz, perpetuando assim esta memória histórica, hoje quase em extinção.

11 QUINTA SPLENDIDA

Estrada da Ponta da Oliveira

O hotel Quinta Splendida, outrora denominada Quinta da Estrela que era residência de verão, é um imóvel datado dos finais do séc. XIX, construída em pedra aparelhada e rebocada, composta por dois pisos e uma característica pequena torre avista-navios, com o intuito de ver o mar. Insere-se na gramática maneirista do estilo Fachada principal da Casa Mãe chão, característica dos solares portugueses. Com fachadas austeras, possui vãos com simples molduras em cantaria regional e escada exterior de dois lanços, de acesso ao andar nobre, na mesma pedra. Na chaminé podemos ainda hoje observar o desenho da estrela que deu nome à quinta.



Fachada principal da Casa Mãe

Esta propriedade possui amplos jardins, constituindo um verdadeiro jardim botânico, com inúmeras espécies endémicas e exóticas, das mais variadas latitudes do mundo, fazendo jus aos ricos espaços ajardinados que caracterizam as vetustas quintas madeirenses. De destacar os dragoeiros (*Dracaena draco*), as Dombéias (*Dombeya cacuminum*), as Chamas-da-Floresta (*Spathodea campanulata*), as Sumaúmas (*Ceiba speciosa*), as diferentes espécies de palmeiras, ou as características latadas de plantas trepadeiras. Otrora, em frente da casa principal, havia um grande lago para divertimento dos residentes e visitantes, onde era possível andar de canoa. No extremo sul da Quinta ainda se preserva uma Casinha de Prazer, característica construção destas habitações românticas da ilha, que era utilizada pelos seus habitantes para momentos prazerosos, como ver as vistas, tomar um chá, bordar, namorar ou uma conversa inconfidente.

Este imóvel pertenceu ao Dr. Alberto Figueira Jardim, que foi Reitor do Liceu Nacional do Funchal e pai do escritor Ricardo Nascimento Jardim.

Aqui, depois de percorrer este extenso roteiro patrimonial, poderá tomar um chá ou uma bebida refrescante, usufruindo do agradável ambiente bucólico e sereno. Deixe-se ficar.



Jardins: corredor tradicional



Perspectiva da Casa Mãe

FICHA TÉCNICA:	
TEXTOS:	EMANUEL GASPAR
TRADUÇÕES:	GABRIELA MAGALHÃES, LEONILDE OLIM
FOTOGRAFIA:	ARQUIPELAGOS.PT, CMSC, C. MARQUES, DANIEL GIL, DRC, DGEM, LUÍS BERIMBAU, NUNO ANDRADE, NUNO RODRIGUES, TOMÁSIA CASTRO
REVISÃO E PRODUÇÃO:	EMANUEL GASPAR, JOANA SOUSA, TOMÁSIA CASTRO
DESIGN:	VÍTOR HUGO FREITAS
PRIMEIRA EDIÇÃO - CMSC ABRIL DE 2021 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS	

PARTILHE ESTA EXPERIÊNCIA E COLABORE NA PRESERVAÇÃO DO NOSSO PATRIMÓNIO!

#santacruzmadeira



ROTEIRO DO PATRIMÓNIO EDIFICADO DO CANIÇO



município de **santa cruz** madeira



- Legenda:**
- 1 Cristo Rei
 - 2 Vigia de Baleias
 - 3 Capela da Consolação
 - 4 Capela da Salvação
 - 5 Capela da Mãe de Deus
 - 6 Igreja Matriz do Caniço
 - 7 Solar dos Reis Magos
 - 8 Forte do Porto Novo
 - 9 Relógio de água
 - 10 Levada da Azenha
 - 11 Quinta Splendida

CANIÇO *Concelho de Santa Cruz - Madeira*

A ampla freguesia do Caniço, com a área de 12 Km², foi uma das primeiras localidades a ser povoada ficando parte deste território na antiga Capitania de Machico e a outra parte, na antiga Capitania do Funchal, pois o marco divisório ficava na Ponta da Oliveira, onde abundavam Oliveiras-Bravas ou Zambujeiros (*Olea maderensis*), espécie endêmica da Madeira, de onde tomou o seu nome. O nome da povoação deve-se à planta caniço, ou carriço (*Phragmites communis*) que caraterizava este território nos tempos da descoberta da ilha.

Um dos primeiros povoadores e sesmeiro desta freguesia foi o morgado Álvaro de Ornelas Saavedra, “o grande” que se estabeleceu na área do Sítio da Quinta, onde possuía uma vasta propriedade que ia do mar à serra e do Porto Novo ao Garajau. O topónimo Quinta deriva exactamente do núcleo central dessa propriedade onde possuía solar. Foi um dos principais responsáveis pelo arroteamento de terras e sua exploração para cultivo.

Nestes primeiros tempos de colonização aqui vai-se desenvolver primeiramente o cultivo de cereais, por ser uma zona fértil e soalheira, não sendo de estranhar que foi precisamente no Caniço onde se construiu o primeiro moinho da Madeira, sintomaticamente no sítio que ficou conhecido como Azenha.

Os terrenos na margem direita da ribeira denominavam-se do Caniço para o Funchal, área pertencente à antiga Capitania do Funchal, enquanto que os que ficavam na margem esquerda chamavam-se do Caniço para Machico e pertenciam à antiga Capitania de Machico, denominações que ficaram até bem recentemente.

Em 1515, com a fundação do novo município de Santa Cruz pelo foral do Rei D. Manuel I, toda a área do Caniço passa a ser parte integrante da jurisdição do novo território municipal.

Neste tempo recuado a actual freguesia da Camacha fazia parte do Caniço, e era denominada de Serras do Caniço.

A Paróquia do Caniço foi fundada em 1438 ou 1440, sendo uma das mais antigas da ilha, tendo, curiosamente, por sede duas capelas distintas (o que se compreende por os territórios pertencerem a capitâncias diferentes). Uma na margem direita da profunda ribeira do Caniço, que tinha como orago o Espírito Santo, e outra na margem esquerda, a de Santo Antão. Com a paulatina ruína das duas capelas, depois de várias contendas acerca da localização de um novo templo, foi decidido construir uma nova Igreja, agora única, que foi inaugurada em 1783, a atual igreja paroquial Caniço.



Ponta da Oliveira, Caniço de Baixo

O Caniço, situado bem próximo do Funchal, terra outrora de grande produção agrícola de cebolas, destaca-se hoje pela proeminente indústria do turismo e pela grande construção de habitação da região, constituindo uma freguesia de grande crescimento populacional. Conhecido ainda pelas suas temperaturas agradáveis, é banhado pelo mar em toda a sua costa, e por isso muito procurado por locais e estrangeiros.

A grande vocação turística da freguesia desenvolveu-se nos anos 70 do séc. XX quando os alemães construíram, na zona da Contrata, uma grande urbanização de turismo residencial para os seus conterrâneos.

No ano 2000 a freguesia do Caniço foi elevada a Vila e cinco anos depois foi elevada a Cidade, em virtude de constituir um dos maiores pólos de concentração de indústria e comércio regionais e uma das zonas habitacionais mais procuradas.

O topónimo Garajau (andorinhas do mar) tem este nome devido a João Gonçalves Zarco que, aquando da descoberta da ilha e se dirigia para a futura zona do Funchal, ali naquela ponta da falésia, encontrou muitas dessas aves marinhas (e que ainda hoje se podem observar a fazerem voos rasantes à água, na tentativa de encontrar alimento).



Ponta do Garajau



Garajau (Sterna hirundo)

Nesta zona foi criada a primeira Reserva Marinha de Portugal, em 1986. Conhecida pela elevada limpidez das suas águas (permitindo observações a mais de 20 metros de profundidade), a Reserva possui elevada biodiversidade com uma riqueza ictiológica muito significativa. Pela sua localização geográfica e principalmente pela sua riqueza biológica e águas transparentes e limpas, apresenta grande aptidão de utilização do ponto de vista recreativo, educativo e científico. É uma área onde se dinamiza a prática do mergulho amador e funciona como forte atrativo para a deslocação de inúmeros mergulhadores amadores à Região.

Os fundos marinhos são povoados por uma abundante e residente fauna. O afável e simpático Mero (*Epinephelus marginatus*) é a espécie emblemática da reserva, atraindo e despertando a curiosidade dos mergulhadores.



Mero (Epinephelus marginatus) na Reserva do Garajau

Ao longo da História desta freguesia sobreviveram imóveis, que são testemunhos da memória das gentes que habitaram este lugar, e que hoje nos propomos conhecer e percorrer.

CRISTO REI *Ponta do Garajau*



Monumento ao Cristo Rei

O Cristo Rei do Caniço foi mandado levantar pelo Conselheiro Aires de Ornelas (1866-1930), nascido na Quinta das Almas, na Camacha, era filho do último Morgado do Caniço e foi ministro da Marinha e Colónias.

Fervoroso católico e monárquico defendia a união entre Igreja e Estado e combatia os republicanos anticlericais que pugnavam pela separação entre poder temporal e o poder espiritual. Com a queda da monarquia vai auto exilar-se em Paris, regressando periodicamente a Lisboa e à Madeira.

Dentro deste espírito piedoso vai mandar levantar o monumento ao Sagrado Coração de Jesus com Cristo Rei, nas suas terras da Ponta do Garajau, inaugurado a 30 Outubro de 1927 com a segurança dos escuteiros de Portugal e com a presença do então Bispo do Funchal.

A escultura Arte Déco é em betão, da autoria dos escultores franceses Pierre Charles Lenoir e Georges Serraz, residentes em Paris, este último especialista em escultura religiosa monumental.

Como curiosidade, de referir que, com 14 metros de altura, é a maior escultura em betão na Região, e que este monumento é anterior ao Cristo Rei do Rio de Janeiro (1931), no Brasil, e ao de Almada (1959), em Lisboa, Portugal continental, do conceituado escultor madeirense Francisco Franco.

VIGIA DE BALEIAS *Ponta do Garajau*

Em frente da escultura do Cristo Rei na Ponta do Garajau, podemos ainda encontrar uma Vigia de Baleias, outrora muito importante para a caça desde mamífero, sendo mesmo a praia do Garajau um importante ancoradouro para desmanche das baleias e sua transformação. **Posto de vigia baleeira**



Esta ponta constitui um importante ponto geobotânico onde podemos encontrar raras plantas endémicas da Madeira e curiosas formações rochosas que testemunham a origem vulcânica da ilha, como vestígios de cones vulcânicos ou imponentes formações rochosas que espelham a erosão do vento e do mar.

CAPELA DA CONSOLAÇÃO *Impasse da Travessa da Capela da Quinta*

A Capela da Consolação, situada perto do Caminho Real n.º 23, foi fundada em 1591 pelo 4º morgado do Caniço, Aires de Ornelas de Vasconcelos, família fidalga que recebeu o Caniço em sesmaria para cultivo e exploração.



Fachada principal

Esta ermida, de estilo maneirista popular, apresenta fachada rasgada por um arcaizante arco gótico biselado e termina em empena com cruz de cristo.

O altar-mor possui um retábulo de talha, branca e dourada, de gramática maneirista, apresentando ao centro uma pintura do Pentecostes, de autoria do pintor português Diogo Teixeira (1540-1612). Como esta pintura não é alusiva ao orago da capela, é possível que tenha sido deslocada da Capela do Espírito Santo, que no séc. XVIII estava já em ruína.



Retábulo-mor

No chão da capela encontra-se a lápide tumular, em mármore, de Agostinho António Ornelas e Vasconcelos, 9º morgado do Caniço, (1718-1774).

A capela de Nossa Senhora da Consolação está classificada de interesse público desde 1978.

4 CAPELA DA SALVAÇÃO *Sítio dos Moinhos*



Fachada principal

A capela de estilo maneirista terminada em empena tem na sua fachada principal um portal de arco pleno em cantaria rija da região. No interior apresenta um retábulo proto-neoclássico, dourado e branco, sobre a parede testeira com pintura a fresco representando um amplo cortinado com borlas e grinaldas. Este retábulo deve ter sido edificado por altura da reconstrução da capela.

Esta capela possuía uma tela de Martim Conrado, datada de 1646, que representa a Imaculada Conceição, Santa Ana e S. Joaquim e o instituidor da capela com a sua mulher D. Antónia de Moura ou a sua filha e o seu genro. O pintor é um dos mais interessantes artistas protobarrocos a trabalhar em Portugal. Actualmente este quadro foi deslocado para a capela-mor da Igreja Matriz do Caniço, do lado da epístola.

5 CAPELA DA MÃE DE DEUS *Caminho da Mão de Deus*

A Capela da Mãe de Deus, situada junto ao antigo Caminho Real n.º 23, foi fundada, no início do século XVI pelas irmãs D. Isabel e D. Leonor Álvares, grandes produtoras de cana sacarina na localidade, chamadas de “Moças” por se terem mantido solteiras. Construída com a finalidade de ser a capela de um pequeno convento que ali viria a ser construído (projeto que não avançou dada a decadência do lucro açucareiro), esta ermida de estilo tardo-gótico/manuelino apresenta uma fachada terminada em empena, rasgada por um arco de volta perfeita sobre colunelos, em cantaria rija regional, encimado por uma rosácea.



Perspectiva exterior

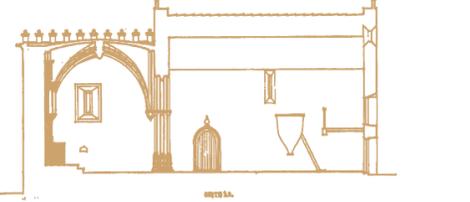
A capela-mor, coroada de merlões e ostentando curiosas gárgulas nos cunhais, apresenta abóbada nervada simples assente em mísulas, fechada no centro por um bocete decorado com elementos vegetalistas. De notar a porta de acesso à sacristia, de arco ogival contracrurvado, com um remate em forma de pinha ou maçaroca. O seu retábulo-mor maneirista (1550-1560), de madeira pintada a branco e dourado, de dois registos, apresenta pilstras intercalando quatro pinturas a óleo sobre madeira, figurando Santa Catarina de Alexandria e Santo António à direita, Santiago e São João Baptista à esquerda; ao centro sacrário, tendo representado na porta o Cálice com a Hóstia Eucarística, e oratório com a imagem da Madre de Deus e superiormente remate em frontão triangular. Estas preciosas pinturas são de autoria de Diogo Contreiras, um dos mais interessantes pintores portugueses do período maneirista.



Capela-mor

No chão desta capela-mor está uma lápide sepulcral, em cantaria rija, das suas fundadoras. De notar que a capela, apesar dos séculos passados, continua com uma coerência formal, preservando os seus elementos coevos, não tendo sofrido grandes alterações estilísticas ao longo do tempo.

A capela da Madre de Deus está classificada de interesse público desde 1940.



Corte longitudinal

6 IGREJA MATRIZ DO CANIÇO *Rua João Paulo II*



Fachada principal

A Igreja Matriz do Caniço foi construída no século XVIII, após uma acesa discussão sobre de que lado da Ribeira ficaria esta igreja. Do lado de Machico, havia a igreja dedicada a Santo Antão e, do lado do Funchal, outra igreja, dedicada ao Espírito Santo. Como os devotos não conseguiam chegar a um acordo sobre de que lado se situaria a nova igreja, o Padre José Lomelino Barreto resolveu a questão e ofereceu o terreno do lado do Funchal, onde ficou estipulado que ali se mandaria construir a futura igreja Matriz do Caniço, dedicada a Santo Antão. Em sua homenagem, o largo em frente deste templo tem o seu nome. Aqui pode observar belas Tipuanas (*Tipuana tipu*), Jacarandás (*Jacaranda mimosifolia*) e os endémicos Dragoeiros (*Dracaena draco*). Do lado nascente, não deixe de apreciar, uma característica Casinha de Prazer alcandorada sobre um muro de uma residência particular.

Esta igreja, de planta retangular de nave única, foi inaugurada em 1783 e apresenta no seu interior talha branca, dourada e marmoreada, na transição entre o Barroco e o Rococó. A fachada principal, de linguagem maneirista e contida, é delimitada por pilstras, rasgando-se um portal de cantaria com arco pleno encimado por inscrição alusiva à construção e sagração do templo em cantaria do Porto Santo. A nave é iluminada por três janelões, sendo o central composto pelas armas reais, também em cantaria do Porto Santo.

No interior da igreja destacam-se os retábulos colaterais de talha marmoreada, cinza, vermelho e azulada, de estilo rococó, com telas centrais da autoria do fecundo pintor madeirense Nicolau Ferreira, rematadas por complexo frontão interrompido sobrelevado com medalhão central marmoreado.



Capela-mor